



RECONECTAR: Grupo de Fortalecimento de Vínculos entre Adolescentes e seus Responsáveis

Camila Elias¹

Érika Hasse Becker Neiverth²

Jessica Karina da Silva Campos³

Maria Karolina Santos⁴

Resumo: O presente trabalho trata-se de um projeto de intervenção, realizado no Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania (CEJUSC) da comarca de Ponta Grossa, por acadêmicas do curso de Psicologia da faculdade Sant'Ana. As intervenções foram realizadas com adolescentes de 12 a 17 anos e seus responsáveis, afim de trabalhar o fortalecimento de vínculos. Foram realizados grupos distintos, planejados para os públicos em específico, eventualmente os grupos ocorreram em conjunto. Ao final dos encontros percebeu-se que os responsáveis ampliaram suas compreensões sobre o período da adolescência e os adolescentes puderam refletir sobre suas ações.

Palavras chaves: CEJUSC, Adolescência, Psicologia

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela UEPG, graduanda do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'ana, cmlaelias@gmail.com

² Licenciada em História pela UEPG, Professora do Ensino Fundamental, graduanda do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'ana, erihbn@gmail.com

³ Graduanda do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'ana, jessicakscampos@gmail.com

⁴ Graduanda do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'ana, facilitadora voluntária de círculos restaurativos no Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania de Ponta Grossa, maria.karolina@hotmail.com

1. Introdução:

O Grupo Reconectar ocorreu durante o ano de 2017 nas dependências do Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania (CEJUSC), situado na Avenida Visconde de Mauá, nº 2344, Oficinas na cidade de Ponta Grossa - Paraná.

Era coordenado pelas acadêmicas do curso de Psicologia que no momento realizavam estágio voluntário na instituição, sob supervisão da psicóloga local. Devido a demandas encaminhadas pelo CEJUSC, as acadêmicas elaboraram a proposta de um grupo de fortalecimento de vínculos para adolescentes e seus responsáveis.

O objetivo geral deste projeto foi trabalhar o fortalecimento de vínculos entre adolescentes e seus responsáveis. Possibilitando um olhar positivo do responsável para com o adolescente em conflito e maior responsabilização dos mesmos sobre a relação. Assim como, contribuir com a construção de diversos modelos de enfrentamentos frente às dificuldades que os responsáveis encontravam.

2. Metodologia:

Primeiramente foi realizada a análise dos processos judiciais encaminhados para o CEJUSC a fim de realizar uma triagem e selecionar casos que se enquadram na proposta do grupo.

Após esta seleção, realizou-se o contato com as famílias, convidando-as para irem até o local para realização de uma escuta sobre o caso e posterior encaminhamento para o grupo de fortalecimento de vínculos.

Os grupos aconteciam todas as quintas-feiras e tinham duração de uma hora e meia. Em uma sala ficavam os adolescentes juntamente com duas estagiárias e em outra, os responsáveis com outras duas estagiárias. Em alguns casos específicos os dois grupos foram feitos em conjunto. A proposta inicial era um ciclo que seria uma escuta individual e mais três encontros em grupo.

No primeiro encontro foram realizadas apresentações dos casos, uma conversa inicial e uma reflexão sobre “como eu vejo o meu filho?” quem ele é? se é mais fácil enxergar pontos positivos ou negativos neles, se eles sabiam o que os filhos gostavam de fazer etc.

Já com os adolescentes foram feitas dinâmicas que buscassem refletir sobre quem eles são, como seus familiares os veem, como ele enxergam os familiares e como gostaria que fossem vistos.

No segundo encontro dos responsáveis foram realizadas reflexões sobre o período da adolescência, as mudanças que ocorrem no corpo e na mente deles, refletiram também sobre as mudanças que ocorreram através do tempo, se no tempo em que eles eram adolescentes era parecido ou diferente de hoje em dia buscando assim compreender melhor a adolescência para saber como se relacionar com seus filhos.

No grupo dos adolescentes foi realizada uma dinâmica na qual cada um pensou em uma situação de conflito e interpretou na forma de um teatro esta situação, assumindo o papel oposto aos seu.

O terceiro e último encontro foi realizado de duas maneiras diferentes em cada um dos ciclos. Em um deles responsáveis e adolescentes estavam juntos na mesma sala e em outro, estavam separados. Buscou-se discutir tanto com os familiares quanto com os adolescentes qual é o seu projeto para o futuro e o que poderiam fazer para alcançar estes objetivos. Por fim, cada um escreveu uma carta falando dos seus sentimentos (adolescente para o familiar e vice-versa) que seria entregue para que lessem em casa.

3. Desenvolvimento:

Os grupos foram propostos para que houvesse diálogo entre as famílias que enfrentavam alguma situação de inconformidade entre seus membros, pensando nisso o grupo foi planejado a partir dos casos que mais apareciam no CEJUSC que envolvessem adolescentes. Sendo assim, construiu-se intervenções para os adolescentes e seus responsáveis, pois como afirma Del Prette e Del Prette, (2001)

À medida que crescem, os filhos desenvolvem interesses, ideias e hábitos que podem gerar conflitos familiares. Nem sempre é fácil para os pais a identificação dos sinais que apontam para a iminência de um conflito entre eles e os filhos ou para estágios iniciais de um comportamento reprovado no contexto dos valores familiares. (p.52)

Deparou-se então, com um desafio, visto que atualmente a abordagem com as famílias exige do profissional um preparo especial, quando considera-se que são várias as composições desse sistema, bem como os papéis estabelecidos.

Assim, a estruturação da família está intimamente vinculada com o momento histórico que atravessa a sociedade da qual ela faz parte, uma vez que os diferentes tipos de composições familiares são determinados por um conjunto significativo de variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas e históricas. (PRATTA & SANTOS, 2007, p. 248)

Knobe, (1981) caracteriza a adolescência como uma fase semipatológica, denominada pelo autor como “síndrome normal da adolescência”, onde haverá inconstâncias e desequilíbrios frequentes no adolescente, mas que é importante para a construção de sua identidade, onde deixará a infância e seguirá rumo a vida adulta.

[...] Tal conflito fomenta reações de instabilidade afetiva, crises, conduta turbulenta ou de indiferença, angústias e ansiedades, configurando uma espécie de "patologia normal da adolescência". (BARONCELLI, 2012, p.190)

Durante o desenvolvimento dos grupos, notou-se na grande maioria dos adolescentes, algumas fragilidades nos vínculos presentes ou não com os pais/responsáveis. Alguns apresentavam ainda conflitos com a lei, situações adversas no âmbito da educação, vulnerabilidades sociais, psicopatologias e aspectos relacionados.

Da mesma forma, ao observar os responsáveis, percebeu-se que os mesmos apresentavam grandes dificuldades na manutenção e/ou criação do vínculo com os adolescentes, devido á inúmeros fatores que, aparentemente, assinalavam obstáculos para o estabelecimento da comunicação.

Até a adolescência a criança depende integralmente da família, porém, a partir dessa fase, a família é obrigada a redimensionar seu papel por meio de uma série de adaptações em sua dinâmica interna. Acontecem neste período a perda progressiva da autoridade dos pais e a crescente autonomia de seus filhos. Esse redimensionamento, aliado às diversas questões culturais, econômicas, sociais, religiosas e afetivas, pode criar nos pais uma grande dificuldade de comunicação com seus filhos e, conseqüentemente, a falta de oportunidade de conhecer suas atitudes e experiências de vida. (RUZANY et al., 2008, p.30)

Contudo, notou-se durante o trabalho que os responsáveis refletiam sobre aspectos vivenciados e ampliaram sua visão diante da situação problema, visto que no grupo discorriam sobre as suas angústias e ao mesmo tempo realizavam devolutivas acerca do benefício do espaço de fala e escuta.

Nesse sentido, Rogers (2002, p.40) afirma que “[...] uma parte inevitável do processo de grupo parece ser a de que, se os sentimentos forem expressos e puderem ser aceitos numa relação, resultam em intimidade e sentimentos positivos.”

4. Conclusão:

Através do presente trabalho consideramos que os adolescentes estavam passando pelo processo natural do desenvolvimento e que isto por sua vez era um motivo de conflito interno. Na maioria dos casos a falta de diálogo e compreensão entre os familiares acabavam por desencadear ainda mais conflitos.

Frente a esta inconformidade e transformação familiar, os responsáveis e os próprios adolescentes tinham comportamentos relutantes e através do grupo puderam falar sobre suas angústias e refletir sobre os conflitos enfrentados em conjunto, gerando empatia um com o outro.

Por fim, concluímos que em alguns casos tanto adolescentes quanto responsáveis tinham dificuldades em expressar os sentimentos que possuíam com relação ao outro e através do grupo, foi possível que tais sentimentos fossem informados, gerando uma comunicação mais assertiva.

Referências:

BARONCELLI, L. Adolescência: fenômeno singular e de campo. **Revista da Abordagem Gestáltica** – XVIII(2): 188-196, jul-dez, 2012

DEL PRETTE, A., DEL PRETTE, Z. **Psicologia das relações interpessoais** : Vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis, RJ : Vozes, 2001.

KNOBE, M. Introdução. In: Aberastury, A.; Knobe, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: ed. Artes médicas. 1981.

PRATTA, E.M.M., SANTOS, M.A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico dos seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007

ROGERS, C. **O processo do grupo de encontro**. In: Rogers, C. Grupos de Encontros. 8º edição. Martins Fontes. 2002

RUZANY, M.H., et al. Comunicação entre a família e seus filhos adolescentes: construindo uma relação dialógica. **Adolescência & Saúde**, volume 5, nº 1 – março, 2008.